

RESENHA DO LIVRO LACAN, O INCONSCIENTE REINVENTADO

Gabriel Aquino Nascimento Gabeira¹

Regina Coeli Aguiar Castelo Prudente²

SOLER, Colette. **Lacan, o inconsciente reinventado**. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012.

“O inconsciente é por certo coisa bem complexa”, conclui Colette Soler (2012, p. 223) em um dos capítulos finais deste livro que é movido por muitas perguntas, sendo uma delas “O que é isso?” que os psicanalistas não deveriam se furtar a perguntar diante do inconsciente. Psicanalista francesa que se analisou com Jacques Lacan e membro da antiga *École Freudienne de Paris* (dissolvida em 1980), Soler é hoje uma das grandes herdeiras do pensamento de Lacan e figura ativa na disputa pela interpretação, transmissão e institucionalização (através da Escola, no caso, a Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano) do exercício da psicanálise lacaniana. Teriam suas expectativas frustradas aqueles que procurassem na escrita de Soler (2012, p. 12) um “[...] estilo sempre sistematicamente didático [...]”, à moda de Freud (2006) em 1915 defendendo sua “hipótese” sobre o que é o inconsciente. Vemos no estilo da autora algo que remete ao movimento de Lacan, como explicitado por ela: “Em Lacan, ao contrário, elas [as dificuldades de leitura] estão na superfície, ao passo que a lógica de seus sucessivos passos permanece implícita.” (SOLER, 2012, p. 12). É no espírito desta renovação lacaniana na psicanálise, renovação que buscou se apropriar das contribuições da linguística, da antropologia estrutural e das novas epistemologias surgidas na França do século XX para fundamentar a via aberta por Sigmund Freud, que Soler norteia sua transmissão.

Contrária ao corte epistemológico popularizado por Jacques-Alain Miller (cf. Miller, 2003) que cria periodizações entre “primeiro Lacan”, “segundo Lacan” e “último Lacan”, Soler busca conjugar as discontinuidades do pensamento de Lacan a partir da insígnia da unidade complexa e de remanejamentos que possam retroativamente esclarecer esse “*work in progress*”. Do primeiro capítulo – **O inconsciente, real** (p. 17-81) –, podemos extrair justamente as conceitualizações

¹ Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário UniAcademia.

² Mestre em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (atualmente UniAcademia). Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário UniAcademia.

que demarcam “o inconsciente freudiano e o nosso”³ nesse percurso, não sem as discontinuidades:

Vale dizer que o inconsciente lacaniano seja outro? Grande questão. Lacan pôde dizer, na oportunidade, ‘O inconsciente é lacaniano’, mas o texto que escolhi explicita de outro modo: o que se descobre se descobre de uma só vez. A invenção é freudiana, depois vem o inventário de suas condições, de suas manifestações e daquilo que ele é. (SOLER, 2012, p. 79)

Lacan, portanto, cuidou do inventário das condições da descoberta freudiana e permitiu que diferenciemos a natureza da existência desse inconsciente estruturado como linguagem: um inconsciente-equívoco [*Unbewusste* | *L'une bévue*]. De certo que a hipótese descoberta por Freud precisava de uma caracterização da natureza de sua existência, pode-se pensar que as manifestações do inconsciente (que seriam chamadas de *formações do inconsciente*), percebidas desde antes da descoberta freudiana na expressão de sonhos, lapsos, chistes, atos falhos, etc., demonstrariam e caracterizariam essa existência. O ensino de Lacan (que privilegia não mais os sonhos como Freud, mas os lapsos devido ao seu caráter linguageiro) aponta que essas formações “[...] não são o inconsciente, mas somente a via que a ele conduz” (SOLER, 2012, p. 64). A natureza do inconsciente é menos ôntica do que ética e a Soler interessa duas distinções: entre o **inconsciente-verdade**, de que o analisante goza em decifrar na *historicização* ao supor um saber na transferência e o **inconsciente-alíngua** ou **inconsciente Real (ICSR)**, que aponta para os limites da decifração por meio do real do sintoma e que constitui uma “mudança de paradigma” (ibidem, p. 74) a partir do encontro de Lacan com a obra de James Joyce. O inconsciente Real apresenta uma “fecundidade clínica” (ibid., p. 74), mas entre os dois “[...] não há o que escolher” (ibid., p. 97). O objetivo de Soler é o de integrar esses diferentes trilhamentos no inventário de Lacan para que se possa, retroativamente a partir dos novos recursos proporcionados pelo nó borromeano, elucidar suas primeiras formulações.

Os capítulos **A análise orientada para o real** (p. 85-129) e **Clínica renovada** (p. 133-189) se propõem a discorrer sobre as consequências que o ICSR e a

³ Em referência à aula de Lacan do dia 22 de janeiro de 1964 na *École Normale Supérieure*, intitulada “O inconsciente freudiano e o nosso” — cf. LACAN, J. O Seminário, livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1998. (Originalmente publicado em 1973).

renovação lacaniana colocam à clínica, desde a desnaturalização da pulsão e dos gozos (castrados pela linguagem e não mais por um pai perverso) à dimensão real do sintoma que não pode ser decifrado (“sintoma analfabeto”), passando por todos momentos importantes da análise: a queixa retificada em um sintoma analítico direcionada a um significante qualquer que marca a entrada em análise, a libido analisante do sujeito que se satisfaz ao decifrar a verdade, a ausência de conclusão do inconsciente que pode associar-se a um esgotamento da libido, a um horror ao saber ou a uma destituição subjetiva, aos efeitos da análise com a identidade de separação entre analisante e analista – “um objeto destinado a ser deixado” (ibid., p. 224), e por fim, ao dispositivo do passe.

O capítulo **Perspectivas políticas** (p. 193-234) encerra magistralmente o percurso de Soler atentando, portanto, às implicações políticas da psicanálise que se opõe ao discurso do mestre e ao discurso capitalista. De certo que a psicanálise tenha uma política, para a autora essa afirmação se evidencia pelo menos desde Freud com o *Mal-estar na civilização* de 1929. Todo corpo humano é um corpo civilizado, portanto socializado, “fabricado” e produto das mais diversas formas possíveis de civilização. O capitalismo entra aqui como uma tentativa de globalizar as práticas de produção corporal, mas também com as transformações do mais-de-gozar que caracterizam nossa época e com a incompatibilidade com o desejo do analista. Cabe a nós ainda entendermos todas essas dimensões e implicações, sobretudo éticas, que a descoberta do inconsciente revela.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. O inconsciente (1915). In: FREUD, Sigmund. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914–1916)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. volume XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 163–222.

MILLER, Jacques-Alain. O último ensino de Lacan. **Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise**, n. 35. São Paulo: Eolia, 2003, p. 6-24.

SOLER, Colette. **Lacan, o inconsciente reinventado**. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012.

REVISTA PSIQUE: RELATOS ACADÊMICOS, Juiz de Fora, v. 3, n. 4, p. 98-100, jul./dez. 2023 – ISSN 2448-3443